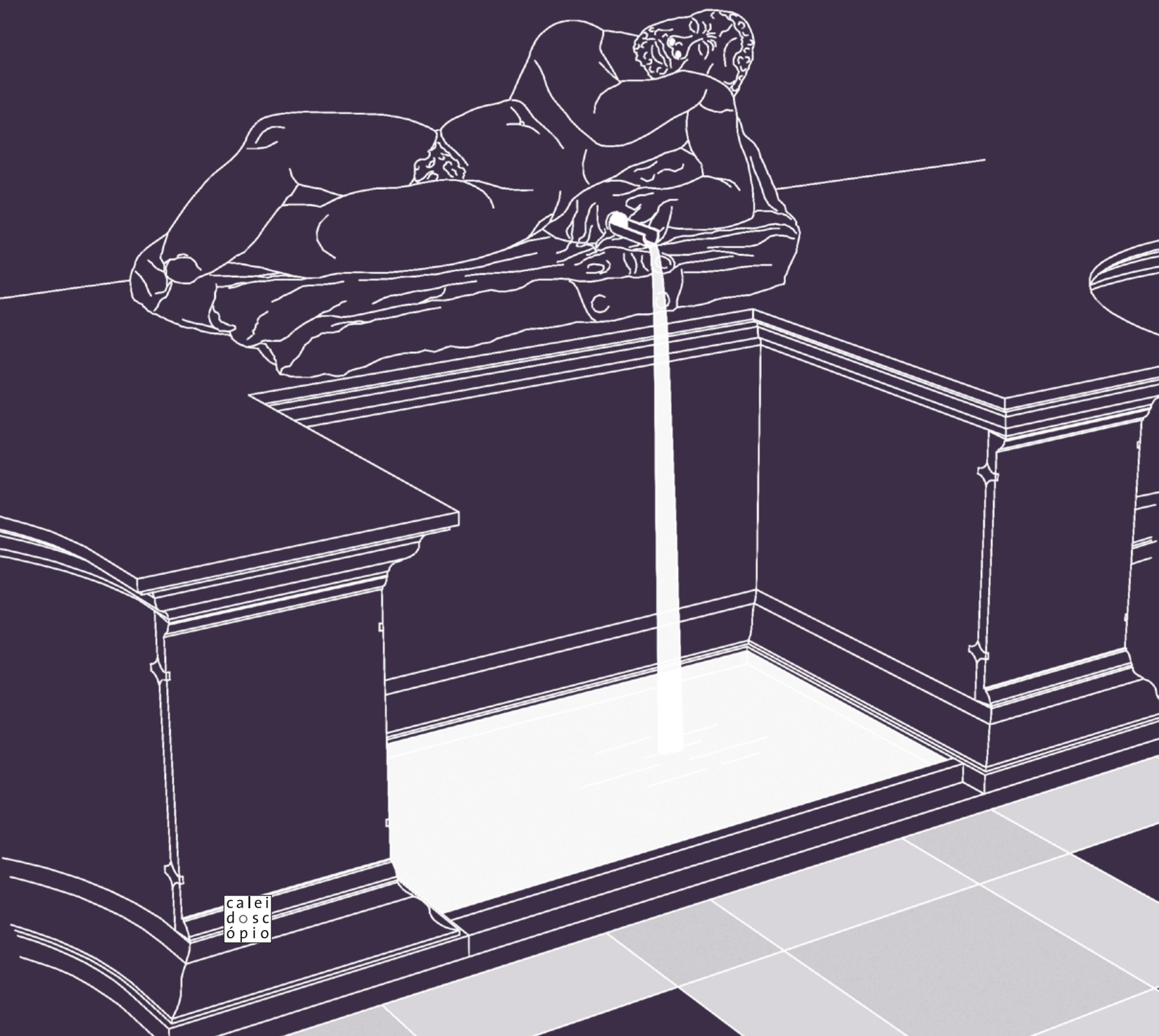


LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Os monumentos epigráficos





D. M.
M. NERAE
CALCATIONS
AN. XVIII
LXIV. M. LXXIV
MATER. F. C.

A diversidade dos monumentos funerários no *ager olisiponensis*

RICARDO CAMPOS

O repertório formal de monumentos funerários romanos em pedra existentes no espaço correspondente ao município da Lisboa romana inclui a cupa, a estela de topo arredondado, o cipo prismático, o monumento funerário em forma de ara, e outros. Estes monumentos, de cronologia centrada maioritariamente nos séculos I e II d. C. mas cuja origem estará ligada aos imigrantes itálicos que aqui se fixaram com o início do Império Romano, são sucintamente analisados no presente texto, com o objectivo de oferecer uma visão tipológica geral.

A abundância de pedra de boa qualidade na área do *Municipium Olisiponense*, como o lioz das pedreiras de Sintra, permitiu o fabrico, sobretudo durante os séculos I e II d. C., de uma grande quantidade de estruturas funerárias neste material, como testemunha o número de vestígios que chegaram aos nossos dias, que atinge quase meio milhar de monumentos. As suas tipologias compreendem desde as grandes construções arquitectónicas, verdadeiros mausoléus destinados aos mais ricos, até pequenos contentores em pedra para as urnas cinerárias – a cremação terá sido o rito funerário utilizado na *Olisipo* dos séculos I e II, só se generalizando mais

tarde a inumação como novo rito funerário. Evidentemente, uma enorme parcela da população não teria condições financeiras para sequer mandar gravar uma placa de pedra que perpetuasse o seu nome, tendo de recorrer a túmulos assaz modestos para a sua moradia final, mas o facto é que no território da antiga *Olisipo* chegaram aos nossos dias muitos monumentos funerários romanos em pedra, mais duráveis que os construídos em outros materiais e que amiúde mantêm legíveis as mensagens que foram outrora gravadas para a eternidade. O panorama que estas nos fornecem, forçosamente parcial – dir-se-ia mesmo com grandes lacunas –,

FIG. 4

Cipo prismático de *Marcus Valerius Gallio*, encontrado em São Miguel de Odrinhas, Sintra. MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS (créditos fotográficos: Museu arqueológico de São Miguel de Odrinhas).

permite todavia construir em traços gerais uma imagem das diferentes tipologias utilizadas e suas características. A abundância de algumas destas contrasta com outros tipos de monumentos mais raros. Vejamos sucintamente, pois, como eram os túmulos em pedra do *ager olisiponensis* nos primeiros séculos do Império.

O repertório formal de monumentos funerários romanos em pedra no *municipium* em análise tem algumas particularidades: trata-se de um grupo morfológicamente muito homogêneo dentro de cada um dos seus tipos básicos, dos quais os mais expressivos são a cupa e a estela de topo arredondado e, em menor quantidade, o cipo prismático, o monumento funerário em forma de ara, e outros. Os mausoléus e outras estruturas de porte arquitetónico são mais difíceis de estudar por poucos vestígios terem chegado até nós, embora possamos fazer algumas deduções.

O material de construção era quase invariavelmente o abundante calcário lioz que é ainda hoje explorado nas pedreiras da península de Lisboa. Apesar de ter muitos fósseis, era bom material de construção e um bom suporte para inscrições de boa qualidade estética. É pedra de cor clara, geralmente rosada mas com variedades mais esbranquiçadas ou amareladas.

Sem dúvida uma grande quantidade destes monumentos desapareceu na área urbana da atual Lisboa, não apenas por estar sido uma cidade em constante desenvolvimento e crescimento, mas também devido a alguns devastadores terremotos, de entre os quais se destaca o de 1755, que alterou a cidade antiga para sempre e que levou a extraordinárias medidas de reconstrução, que ocultaram e destruíram muitos vestígios romanos.

Todavia, na zona rural do território olisiponense existiam *uillae* – propriedades de ricos senhores – e outros núcleos de povoamento que tinham as suas próprias necrópoles. Neste contexto geográfico, sobressai a grande concentração de monumentos romanos na atual aldeia do Faião, Sintra. Aí, ou muito próximo, terá existido um povoado importante, provavelmente um *uicus* relacionado com a extração de pedra na região (Ribeiro, 2013, pp.358-362). A grande quantidade de pessoas que aí vivia e trabalhava, aliada à acessibilidade da matéria-prima, fez com que perdurassem até hoje dezenas de vestígios materiais (muitos ainda se encontrarão ocultos, reutilizados como material de construção nas paredes das mais antigas casas da aldeia).

Problemático para o nosso estudo é o facto de todas estas pedras, nos dois milénios que nos separam dos seus momentos de utilização original, terem sido deslocadas, cortadas, alteradas, reutilizadas das mais diversas maneiras. Não temos os monumentos nas suas necrópoles originais, não temos restos mortais que possam ser, com segurança, diretamente associados a monumentos específicos, e que nos possam permitir confirmações de datação mais precisas. Desconhecemos em que tipo de plataformas se implantavam as cupas. Desconhecemos em grande medida como funcionavam as estelas de topo arredondado, que têm encaixes para grampos metálicos e características que permitem deduzir que eram geralmente encastradas em outras estruturas. Desconhecemos tipologias de mausoléus que não resistiram ao passar dos séculos. Faltam dados que a Arqueologia poderá vir a revelar, e faltam também estudos comparativos com outras realidades do

FIG. 1

Cupa de *Marcus Statius Maxumus*, encontrada em São Romão, Sintra. MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS (créditos fotográficos: Museu arqueológico de São Miguel de Odrinhas).

M STANVS
MICAL
MAXIMVS
H. S. E.

Império que possam vir lançar alguma luz sobre estas questões. É também impossível determinar eventuais decorações pintadas que os monumentos lograssem possuir, sendo muito provável que pelo menos as letras tivessem algum tipo de tratamento cromático.

Estelas de topo arredondado, cupas, cipos prismáticos e demais monumentos coevos, inscrevem-se num “pacote” funerário que será com toda a probabilidade de direta importação itálica, por via de imigrantes que se estabelecem em *Olisipo* e na sua zona rural sobretudo desde as últimas décadas do séc. I a. C., e entre os quais se incluem diversos indivíduos de elevado estatuto social. Tal é demonstrado pelas *uillae* do *ager* e, sobretudo, pela epigrafia, por via dos denominados “fósseis onomásticos” (Navarro Caballero, 2006, pp.71-86; Cadiou e Navarro Caballero, 2010, pp. 257-258 e 261-263) – gentilícios raros na Hispânia romana ou *cognomina* geográficos que apontam para a procedência itálica dos respetivos possuidores, ou de seus mais próximos antepassados – que permitem deduzir estes fluxos migratórios. Esta realidade explicará a grande homogeneidade dos monumentos (e mesmo, atrevamo-nos a dizer, a sua elegância formal e epigráfica), que não têm propriamente uma evolução local mas, antes, surgem como modelos já definidos. Tal é compatível com o facto de na Península Itálica se verificarem, exatamente na segunda metade do séc. I a. C., alterações nas práticas monumentais funerárias, contemporâneas da transformação social e institucional da República em Império, passando a haver uma ostentação que era até aí menos evidente.

Posto isto, vejamos um pouco mais detidamente cada tipologia presente nos campos de *Olisipo*.

Cupas

Cupa é uma palavra latina que significa barril. Assim designavam os romanos monumentos funerários de tampa semicilíndrica, evocativa do contentor vinícola em madeira que ainda hoje utilizamos. O panorama das sepulturas cupiformes no Império é complexo; à grande variedade formal (salvaguardada, naturalmente, a particularidade constante de a tampa ter a forma de meio cilindro) acresce a diversidade dos materiais de construção. Há cupas esculpidas num só bloco pétreo (as *cupae solidae*), mas outras são construídas em alvenaria, com tijolos e/ou pedras argamassados, em cujo caso era normal haver uma placa lítica encastrada com o epitáfio gravado (as *cupae structiles*). Se no Alentejo e na Sardenha a equação entre cupa e barril era levada ao extremo de as coberturas das sepulturas representarem barris de modo realista, incluindo a forma abaulada e os aros, no *Municipium Olisiponense* os monumentos cupiformes de pedra tinham a particularidade de ser constituídos por dois elementos, a tampa – a cupa propriamente dita – e o bloco inferior, ambos de dimensões semelhantes, formando uma caixa. No elemento inferior estava o *sepulcrum*, cavidade onde era colocada a urna cinerária e, presumivelmente, pequenos objetos de oferenda para a vida após a morte ou relacionados com os ritos funerários (como uma moeda, uma lucerna, unguentários...).

As cupas de pedra da zona rural de *Olisipo* (uma vez que estas ainda não foram identificadas no centro urbano) apresentam uma grande rigidez formal, como aliás sucede com as estelas e os cipos prismáticos da mesma área. Geralmente destituídas de

FIG. 2

Estela de *Marcus Vettius Quadratus*, encontrada em Faião, Sintra. MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS (créditos fotográficos: Museu arqueológico de São Miguel de Odrinhas).



quaisquer decorações (havendo apenas um caso, de Caparide, São Domingos de Rana, com representação floral quadripétala acima da inscrição), as tampas têm duas faixas laterais salientes que prolongam e se ajustam às superfícies verticais correspondentes do bloco inferior. Apesar de terem sido identificados muito menos blocos inferiores do que tampas semicilíndricas, certamente por passarem despercebidos com maior facilidade, os rebordos das faces inferiores das tampas por si só demonstram que se destinavam ao encaixe com um bloco inferior, conforme aliás se verifica no exemplar completo de São Romão, Sintra.

A cupa enquanto formato é geralmente utilizada no mundo funerário romano sobretudo durante os séculos II-III, havendo porém alguns exemplares precoces em Itália e no norte de África. Também as cupas de pedra olisiponenses partilham desta precocidade, sendo datáveis desde as primeiras décadas do século I d. C. até inícios do II, como se pode determinar pelos formulários e paleografia das inscrições. Estes epitáfios eram invariavelmente inscritos num dos lados curtos da tampa, havendo apenas um caso conhecido de inscrição no bloco inferior, num exemplar proveniente de Laveiras, Caxias, inscrição essa que será uma presumível adição mais tardia ao epitáfio original que se encontraria na tampa, hoje desaparecida. Vários monumentos do *Municipium* têm inegáveis acrescentos nos seus epitáfios, gravados quando um qualquer outro indivíduo morria e era decidido que partilhasse a sepultura do membro da família que tinha previamente falecido, geralmente um cônjuge ou outro familiar próximo.

É ainda possível que estas cupas de pedra fossem imitações em ponto pequeno de

mausoléus de abóbada semicilíndrica, refletindo escultoricamente as suas características arquitetónicas, incluindo a colocação da inscrição no local que se situaria, nos edifícios, acima da porta.

Há uma grande coincidência entre a distribuição destas cupas e os limites conjecturáveis do *Municipium*, uma vez que estes monumentos se encontram desde a zona de Torres Vedras à de Cascais, com uma enorme concentração (juntamente com monumentos funerários romanos de outras tipologias) na zona do Faião / São Miguel de Odrinhas, Sintra, como já foi referido.

Nas necrópoles do espaço urbano de *Felicitas Iulia Olisipo* identificaram-se até agora apenas *cupae structiles*, já do séc. II-III d. C., com paralelos muito próximos em Troia de Setúbal, Andaluzia e norte de África. Poderão ter pertencido a monumentos deste tipo as placas funerárias de pedra com topo arredondado encontradas em Lisboa (Praça da Figueira), uma vez que a sua forma parece condicionada à respetiva inserção num dos lados curtos destas cupas. Até ao presente não foram porém identificados monumentos desta tipologia específica ainda com epigrafia associada no espaço do *Municipium*.

Estelas de topo arredondado

Se a estela, entendida como uma laje erguida junto a uma sepultura com uma gravação figurativa e/ou um texto funerário, é comum a diversas épocas e culturas, também na Lisboa romana constitui uma das tipologias com maior número de exemplares. É discutível até que ponto a estela poderia revelar alguma continuidade com tipos de monumentos funerários pré-romanos, já que não existem quaisquer antecedentes regionais.

FIG. 3

Monumento funerário em forma de ara (reconstituído) de *Marcus Terentius Priscus*, encontrado em São Miguel de Odrinhas, Sintra. MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS
(créditos fotográficos: Museu arqueológico de São Miguel de Odrinhas).



Mas, tal como a cupa, a estela é uma tipologia precoce no âmbito dos monumentos funerários olisiponenses, com diversos exemplares datáveis dos primórdios do Império. Existem muitas estelas romanas profusamente decoradas em outros locais da Hispânia romana, tal como acontece com alguns exemplos arcaizantes do próprio *Municipium Olisiponense*, com motivos decorativos – além da própria onomástica presente nos epitáfios – que remeterão para um léxico simbólico e antroponímico comum em ambiente paleohispânico. Estes surgem, porém, já numa região limítrofe setentrional, afastada pois do centro urbano de *Felicitas Iulia Olisipo*; são os casos das estelas de Arruda dos Vinhos, Torres Vedras ou Alenquer.

Porém, as sóbrias estelas de *Olisipo* e do seu imediato *ager*, designadas de topo arredondado, são um caso à parte, mantendo uma grande homogenia na forma e nas proporções que contrasta com os exemplares menos “urbanos”. As decorações são aqui quase inexistentes, reduzindo-se praticamente, e apenas em dois casos, a um florão moldurado no topo. Existem exemplares itálicos muito semelhantes, por vezes mais decorados, formando a tipologia designada como “*stele centinata*”.

A cronologia destes monumentos em *Olisipo* é deduzida sobretudo a partir do epitáfio, que se apresenta sempre na metade superior da estela, muitas vezes até muito próximo do topo. A precocidade (séc. I a. C. / I d. C.) revela-se não apenas na formulação dos epitáfios, em nominativo e sem invocação aos deuses Manes (divindades dos mortos), mas também na ocorrência relativamente elevada, dentro do panorama epigráfico olisiponense, de nomes de origem indígena, em geral na posição de *cognomina* (como *Tongeta*, *Tancinus* ou *Boutia*), ou por vezes mantendo a formulação de cariz paleohispânico, como é o caso de uma estela da Cabrela, Sintra, classificável como

estela de topo arredondado mas com características arcaizantes, datável do séc. I a. C., em que o epitáfio se resume ao nome, *Potio*, e ao patronímico, filho de *Arco*. Também uma estela de topo arredondado de Mafra é mandada fazer a um indivíduo com *trinomina* latinos, *Lucius Iulius Regulus*, por sua mãe, de onomástica marcadamente indígena, *Aleba*, filha de *Arco*. Os mais antigos destes monumentos ostentam ainda características paleográficas específicas.

Morfologicamente, o corpo da típica estela de topo arredondado vai estreitando pouco a pouco a partir da base, e possui arestas mais ou menos evidentes nos locais em que as superfícies planas laterais dão origem à superfície cilíndrica circular do topo. Os exemplares conhecidos têm dimensões muito variáveis, indo desde menos de 1,5 m de altura até mais de 3 metros. É normal existir um encaixe em cauda-de-andorinha (ou em T) em cada superfície lateral, junto à base, para a aplicação de grampos metálicos que uniriam a estela a um elemento pétreo inferior. As faces traseiras permanecem quase sempre em bruto, não se destinando a ficar à vista. São monumentos sóbrios, desprovidos de quaisquer decorações, excetuando raros casos, como se disse: a estela de *Marcus Vettius Quadratus*, do Faião, Sintra, da qual resta hoje apenas a parte superior, tem um florão enquadrado numa moldura junto ao topo, acima do epitáfio; também em Cacilhas, Oeiras, a estela de *Maria Boutia* tem decoração praticamente igual, embora o florão esteja esculpido de forma algo mais esquemática. E das muralhas do Castelo de São Jorge foi retirada uma estela que possui, acima do epitáfio, uma edícula na qual teria sido aplicada uma placa metálica com a representação do defunto em baixo-relevo.

Em Modena, Itália, foi descoberta uma estela *in situ*, ainda na posição vertical sobre o seu pedestal, datável do séc. I d. C., muito semelhante às de Lisboa, embora mais

decorada. Trata-se da estela de *Caius Fadius Zethus*, que apresenta no topo um florão ladeado de outros dois de menores dimensões, dentro de moldura semicircular como as olisiponenses referidas. Difere destas no facto de o campo epigráfico estar também rodeado de moldura e na existência de uma outra secção decorativa em posição intermédia.

A ausência de contexto torna muito difícil saber como eram efetivamente implantadas as estelas de topo arredondado no *Municipium Olisiponense*, mas algumas particularidades morfológicas prestam-se a deduções hipotéticas. Os encaixes laterais contíguos à base demonstram a sua inequívoca fixação num bloco inferior de pedra. O facto de a grande maioria não ter a face posterior alisada mas sim talhada em bruto demonstra que seriam encastradas em paredes, possivelmente paredes exteriores de mausoléus, ou paredes interiores de recintos funerários a céu aberto em espaços de necrópole. O alisamento da face anterior e das faces laterais demonstra que, nesta tipologia, toda a parte frontal da estela era visível, sem qualquer troço soterrado. A grande dimensão de alguns destes monumentos torna inviável que pudessem simplesmente estar eretos sobre um pódio. A estela de *Titus Plotius Capito*, de São Miguel de Odrinhas, Sintra, que tem uma altura de 3,12 metros, apresenta no topo um encaixe destinado a um grande grampo metálico de fixação à estrutura forçosamente monumental que lhe correspondia. Diversas outras, de dimensões menores, têm encaixes comparáveis, embora não todas. Alguns, poucos, exemplares têm a face posterior alisada, demonstrando que seriam visíveis de todos os lados. É o caso da já mencionada estela de *Marcus Vettius Quadratus*, do Faião, Sintra.

A hipótese de estas estelas, na sua tipologia típica, terem estado encastradas ao longo das paredes internas de recintos funerários poderá encontrar algum apoio no facto de alguns destes monumentos terem apenas um

encaixe lateral em cauda-de-andorinha na base, no lado direito ou no esquerdo. Trata-se certamente de uma característica ligada ao seu enquadramento arquitetónico – talvez estivessem encostadas num canto e necessitassem apenas de um grampo no outro lado. Outra característica, que ora poderá ter a ver com a função funerária destes monólitos, é a presença, em alguns exemplares, de cavidades inferiores, redondas ou retangulares, que chegam aos 15 cm de profundidade. Serão estas destinadas à criação de um espaço, que se ajustaria a outro escavado num bloco inferior, para a deposição da urna cinerária?

De facto, existem no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (MASMO) alguns blocos que poderão ser bases de estelas de topo arredondado. Talhados em lioz, têm encaixes numa posição compatível com as dimensões das estelas e, entre estes, cavidades retangulares ou redondas que poderão estar relacionadas com a deposição da urna. Possuem um lado frontal parcialmente alisado, na extensão que seria visível acima do solo, e os demais lados em bruto, uma vez que estariam presumivelmente integrados em estruturas. As cavidades referidas apresentam o que parece ser um canal, mas dirigido para trás e não para a frente do monumento, razão pela qual não deverá ser um *infundibulum* para libações rituais, prática aparentemente ausente nos monumentos conhecidos no *Municipium Olisiponense*. Os dados atualmente disponíveis são ainda escassos para uma melhor compreensão do contexto arquitetónico destes monumentos.

Monumentos funerários em forma de ara

As aras, nome conferido aos altares romanos, eram em regra blocos paralelepípedicos com uma moldura de degraus ao longo

LAELIVS LEGA
LIVS SEXFOLIS
CASSIACOTQVIN
LIVS LEGALAE
LIVS SIT CIVILIAN
ALIA LIAMO

L AELIANVS HSE
F N C A P A E R HSE
M I L I A M A E R HSE
A N V S A N N X I I I I HSE
N V S A N N X X V HSE
I N A H S E

FIG. 5

Tábula moldurada dos *Aelii*, encontrada em São Miguel de Odrinhas, Sintra. MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS (créditos fotográficos: Museu arqueológico de São Miguel de Odrinhas).

do perímetro próximo da base e outra, mais ou menos simétrica, próxima do topo. Eram encimadas por elementos de feição arquitetónica, como em invocação formal de um templo, nomeadamente dois frontões triangulares (fastígios) centralizados, à frente e atrás, e dois toros (*puluini*), um em cada lado. Por vezes tinham uma depressão central em forma de bacia entre estes elementos (*foculus*), destinada a uma chama ritual. Na face frontal era inscrito o texto devocional, geralmente em cumprimento de um voto a uma divindade, com a identificação do dedicante.

Alguns monumentos funerários, cuja função sepulcral podemos determinar a partir da inscrição, foram esculpidos com a mesma forma. Certamente estaria subjacente uma intenção de reforçar a ligação idealizada entre os mortos e a esfera sagrada dos deuses. Os exemplos olisiponenses, não muito numerosos, parecem pertencer a uma fase algo mais avançada do que a dos monumentos já analisados, estelas e cupas. Em São Miguel de Odrinhas, Sintra, foi encontrado um fragmento de um destes monumentos pertencente a *Marcus Terentius Priscus* (cujo nome completo pôde ser reconstituído a partir de uma transcrição do séc. XVI, ainda integral). Principia com a invocação aos deuses Manes, o que indica uma datação já da segunda metade do séc. I d. C. em frente. O facto de o vocábulo para “deuses” vir escrito por extenso (bem como certas características paleográficas) poderá indicar um momento incipiente desta invocação na prática epigráfica regional, remetendo-a ainda para as derradeiras décadas do século primeiro, numa situação semelhante à do monumento funerário do mesmo tipo proveniente de São Romão, Sintra, pertencente a um flâmine do imperador Vespasiano, *Publius Staius Exoratus*.

Este não será certamente muito posterior a 79 d. C., data da morte de Vespasiano, considerando ainda que *Publius Staius Exoratus* morreu com 34 anos. São aqui visíveis encaixes laterais em cauda-de-andorinha junto à base, que demonstram que este exemplar seria fixado por meio de grampos metálicos a uma superfície de pedra subjacente, porventura contendo a urna cinerária, embora não tenhamos elementos que nos permitam saber mais. Existem em Itália monumentos destes colocados no interior de mausoléus, como também em espaços funerários exteriores, sobre pódios ou estruturas de degraus.

Já fora do *Municipium*, na necrópole da Caldeira, em Troia, Setúbal, foram encontrados em meados do séc. XX dois monumentos funerários em forma de ara *in situ*. Um deles, em calcário, pertencente a *Caius Seruilius Claranus*, estava ainda fixado com grampos de ferro num volumoso soco de pedra que lhe servia de base. Neste caso, o sepultamento estava a norte do monumento, numa urna de chumbo sob tijoleiras sobrepostas, com diversas oferendas. O outro, construído em tijolo e argamassa, pertencente a *Liberius*, tinha a cremação por baixo, na própria terra.

Em Armês, Sintra, foi identificado um pedestal aproximadamente quadrado que será muito possivelmente a base de um monumento em forma de ara. Sensivelmente ao centro, entre dois encaixes em cauda-de-andorinha, existe uma cavidade circular com cerca de 9 cm de profundidade, que poderá ser, talvez, um pequeno *sepulcrum*. Outra cavidade no limite da mesma face é de funcionalidade mais obscura.

Uma tipologia diversa mas classificável como tendo forma de ara está representada num monumento de São Mamede de Janas,

Sintra. A base é elevada, exibindo na frente o início de um espaço epigráfico moldurado, que se prolongaria para baixo. Decerto estaria aí inscrito o epitáfio, havendo no corpo cimeiro do monumento apenas as iniciais da invocação aos deuses Manes. Possui paralelo formal em dois exemplares de Córdoba, embora cada um destes se encontre talhado num único bloco pétreo, enquanto o de Janas seria composto por dois monólitos verticalmente ajustáveis.

Cipos prismáticos

“Cipo prismático” é o termo vulgarizado para designar uma tipologia de grande volumetria, uma versão em maior escala do monumento funerário em forma de ara. Devido às suas dimensões, são monumentos compósitos, com quatro elementos: a base moldurada, o fuste prismático, a imposta moldurada ou cornija, e o capeamento com fastígios e toros. Quase sempre estes componentes são atualmente identificados desconexos e isolados. É porém possível distinguir uma base de uma imposta porque o degrau inferior da moldura da base termina numa face vertical e apresenta-se mais alto que os restantes degraus, enquanto o degrau superior da moldura da imposta é menos volumoso e muitas vezes arredondado.

O cipo prismático, já verdadeiramente um monumento de elites, evidencia a clara importação de um modelo funerário itálico. A exata origem não é fácil de descortinar, e uma linha de investigação a perseguir será a comparação estilística com exemplares exteriores que mais estreitamente se relacionem com os olisiponenses. É uma empresa dificultada pelas lacunas do registo histórico e mesmo da investigação. Além disso, há que atender às características de expressão artística local, identificáveis na própria Península Itálica, de onde seriam oriundos, pelo menos maioritariamente, os canteiros que aqui chegaram no dealbar do Império. Os cipos

prismáticos têm particular importância no campo da expressão simbólico-decorativa, pois os seus capeamentos são a exceção dentro do panorama escultórico minimalista dos sóbrios monumentos de *Olisipo*, encontrando-se ricamente ornamentados com motivos vegetalistas e outros, patentes nos toros e nos fastígios, com nervuras foliáceas, volutas e medalhões com representações florais; e, em certos casos, também na faixa perimetral da base, sobre a qual surgem, por vezes, presumíveis símbolos astrais, como espirais ou as denominadas “portas celestes”.

O número relativamente escasso de exemplares que até nós chegaram, aliado ao mau estado de conservação de alguns deles, não permite ter sempre absolutas certezas quanto à deposição da urna cinerária, mas podemos dizer com segurança que, no *ager Olisiponensis*, uma prática habitual era a abertura do *sepulcrum* na face superior do fuste prismático, coberta pela imposta e pelo capeamento. Os restos mortais ficavam assim encerrados acima do nível do solo, dentro do monumento, que funcionava pois como uma grande caixa cinerária ao ar livre. Um bom exemplo é o de um cipo particularmente precoce, talvez o mais antigo do *Municipium* (datável de meados do séc. I d. C.), encontrado em São Miguel de Odrinhas e pertencente a (...) *Albanus Prudens*, militar da Legião *X Gemina*. É bem visível a cavidade retangular com cerca de 15 cm de profundidade (neste aspeto comparável a *sepulcra* de blocos inferiores de cupas da mesma área e genérica cronologia). Os demais cipos prismáticos desta área, mais volumosos e já da segunda metade do séc. I e primeira do séc. II, têm geralmente cavidades mais espaçadas, mais fundas e mais em bruto – largas depressões côncavas na pedra.

Haveria variantes noutras áreas do território olisiponense. Em Torres Vedras, o fuste prismático funerário de *Licina Maxsuma* e de *Marcus Antistius Facundus* foi mandado

fazer por *Cornelia Boutia*, que tê-lo-á encimado com uma escultura de si própria. Já fora do *Municipium* mas relativamente próximo, o cipo prismático de *Galla*, encontrado *in situ* no final do séc. XIX em Troia, Setúbal, com base, fuste e imposta, mas já sem elemento superior, não tinha cavidade interior, existindo sim uma caixa por baixo da base com os restos mortais e oferendas; no entanto, não se trata estritamente da mesma realidade, apesar de a sua cronologia ser do mesmo modo atribuível à segunda metade do séc. I d. C., pois estaria mais provavelmente encimado por uma estátua e pertencia a um outro contexto geográfico, cultural e mesmo administrativo (o *Conuentus Pacensis* e não o *Scallabitanus*, onde se integrava *Felicitas Iulia Olisipo*).

Em Roma são conhecidos monumentos funerários compósitos, mesmo de menores dimensões. Alguns deles, em forma de ara, como o de *Statoria Marcella*, mulher de *Caius Minicius Fundanus*, senador e amigo de Plínio-o-Novo, têm como peças independentemente esculpidas uma base, um fuste central, e uma cornija. Outros têm apenas a cornija como elemento separado e, em diversos casos, esta é uma tampa que encerra a cavidade retangular destinada à urna cinerária, comprovando o modelo itálico subjacente aos cipos prismáticos olisiponenses. Outros monumentos de Itália e do Norte de África aproximam-se mais das proporções dos de *Olisipo*, mas está por fazer um estudo comparativo aprofundado. De facto, temos no *Municipium Olisiponense* alguns cipos prismáticos verdadeiramente imponentes, assinalando-se o fuste de *Lucius Cornelius Ne(...)*, de Lisboa, com 1,92 m de altura e uma inscrição de grande qualidade técnica (as letras da invocação aos deuses Manes, na

primeira linha, atingem os 15 cm de altura), ou o cipo do edil *Lucius Iulius Iustus*, de Bucelas, de dimensão comparável, e que mantém ainda sobre ele a imposta, espessa de 52 cm, pelo que, no seu estado original, o monumento completo poderia certamente elevar-se a mais de três metros de altura.

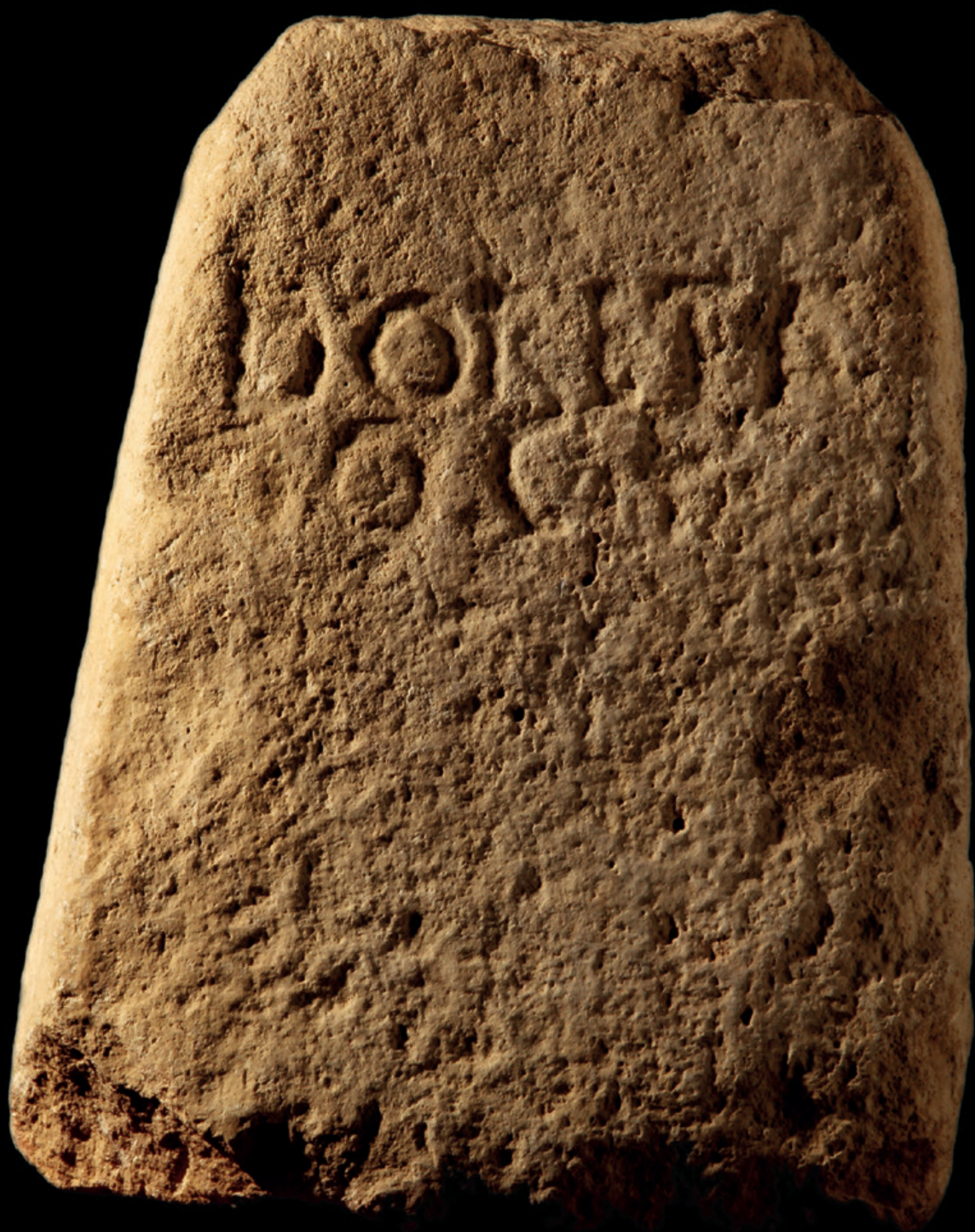
No Casal da Granja de Santa Cruz, Sintra, foi encontrado o fuste prismático de *Lucius Cassius Faustus*, sem cavidade funerária mas com letras maiores que o normal, possivelmente para o epitáfio poder ser lido a alguma distância do observador. Esta hipótese, juntamente com a descoberta no mesmo local de um outro bloco pétreo com dimensões e características formais compatíveis, levou a que o cipo fosse interpretado e reconstituído como uma sepultura de degraus, cujo paralelo formal geograficamente mais próximo será o do soldado *Gaius M. Zosimus*, de Mérida.

Torres funerárias e outros mausoléus

Existem diversos elementos arquitetónicos na zona rural de *Olisipo* que terão provavelmente pertencido a grandes monumentos funerários romanos. É hoje muito difícil saber a que tipologias pertenceriam, devido à escassez de dados. Desconhecemos ao certo, por exemplo, se existiriam mausoléus de abóbada semicilíndrica que partilhassem, em aumentada dimensão, a morfologia das cupas, como acontece na necrópole de *Isola Sacra*, perto de Roma, ou no norte de África. Temos todavia grandes tábulas molduradas com epitáfios de indivíduos, com ligações familiares entre si, cujos nomes iriam sendo acrescentados consoante morriam, que fariam parte de edificações funerárias

FIG. 6

Cipo de *Doreta*, encontrado em Granja dos Serrões, Sintra. MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS (créditos fotográficos: Museu arqueológico de São Miguel de Odrinhas).



coletivas e que poderão muito bem ter pertencido àquele tipo de mausoléu, em que estariam colocadas sobre a porta de entrada – tal como sucede em *Isola Sacra*.

Uma tipologia que haverá sem dúvida funcionado dentro deste conceito – uma mesma forma em diversas escalas – é a da torre funerária, que será o passo seguinte relativamente à progressão, já antes observada, do monumento funerário em forma de ara / cipo prismático. Tal é demonstrado pela descoberta na Granja dos Serrões, Sintra, de um fragmento de monumental *puluinus*, certamente peça decorativa cimeira de uma destas torres. Na mesma localidade foi descoberto um bloco (com encaixes para grampos de ferro) com uma inscrição funerária datável do séc. I d. C., que terá com grande probabilidade pertencido a uma destas estruturas. Diversos outros elementos arquitetónicos pertencentes a grandes edificações seguras ou provavelmente funerárias existem dentro do *Municipium*, incluindo blocos parietais e secções de frisos ou bases, bem como dois fragmentos de placa de teto provenientes da Assafora, Sintra, que ostentam florões quadripétalos em caixotões decorativos e uma secção de friso exterior, e que são comparáveis a elementos similares pertencentes a monumentos turriformes, por vezes com edícula, de outras regiões do Império.

Em Armês, Sintra, foi identificado um bloco fragmentado pertencente à fachada de um edifício funerário que deverá ter sido imponente mausoléu, pois permanecem legíveis algumas letras monumentais do epitáfio de dois indivíduos (possivelmente marido e mulher), em duas linhas, com caracteres de 16 cm de altura na primeira e de 11 cm na segunda, permitindo uma datação do séc. I d. C.. Outros monólitos paralelepípedicos epigrafados que apontam para monumentos similares foram descobertos em diversos locais da região de Sintra, como Faião e Montelavar. E de Laveiras, Oeiras, provém

um enorme bloco de provável cronologia augustana, expressamente pertencente ao mausoléu de um *aquilifer* da Segunda Legião, *Quintus Flavius Quadratus*, que ainda em vida o mandou construir para si próprio.

Na Quinta da Romeira de Baixo, em Bucelas, existe um edifício em ruínas que ainda mantém vestígios do pódio e nichos nos lados interiores das paredes. Tratar-se-ia de um mausoléu familiar, destinando-se os nichos às urnas cinerárias, sendo cada qual então encerrado, muito provavelmente, por uma placa epigrafada (que vulgarmente se designa como “tampa de columbário”) com o epitáfio do indivíduo correspondente. Conhecem-se no *Municipium* placas funerárias (de um modo geral designadas como tábulas não-molduradas) que terão possivelmente desempenhado este tipo de função, embora também possam porventura ter sido encastradas em monumentos construídos em tijolo e argamassa. O monumento de Bucelas seria provavelmente um mausoléu templiforme semelhante a exemplares como o de Miralpeix, em Caspe, Saragoça (como ele datável de séc. II-III), ou o de La Capuchina, em Mollina, Málaga (datável de meados do séc. II), entre diversos outros conhecidos no espaço do Império.

Monumentos funerários arcaicos

Um cipo atípico, de características marcadamente arcaicas e datável de meados do séc. I a. C., foi encontrado na Granja dos Serrões, Sintra. É um bloco de pedra de topo arredondado, sensivelmente oikomorfo, com cerca de 60 cm de altura, pertencente a *Doreta*, filha de *Docquirus*, sem mais dados epigráficos. Não só os antropónimos e o sistema onomástico são claramente indígenas como as próprias características da inscrição, feita com escopro rombo, demonstram a precocidade do monumento, porventura o mais antigo epitáfio romano do espaço do

Municipium. Poderá talvez vislumbrar-se alguma proximidade, no seu acabamento tosco e na forma pouco definida, ao cipo funerário de um militar chamado *Lucius Lauius Tuscus*, encontrado na encosta do morro do Castelo Velho de Gaia. O *cognomen* deste soldado é muito comum no *Municipium Olisiponense* e aparenta indicar uma origem familiar itálica. E, de facto, a inscrição explicita que o falecido, tendo sido sepultado junto ao Rio Douro, era originário de *Felicitas Iulia*, omitindo o nome prévio *Olisipo*. Tal conjuga-se com a presumível datação antiga deste monumento, uma vez que parece haver intenção em demarcar com orgulho a elevação da sua cidade a município romano, o que terá ocorrido durante a vida de *Lucius Lauius Tuscus*. Podemos deduzi-lo pelo facto de ele, cidadão romano, possuir a *tribus Aemilia* e não a *Galeria*, na qual passaram a estar inscritos todos os cidadãos nascidos no *Municipium Olisiponense* após a sua instituição. Assim, afigura-se estarmos na presença de um indivíduo a quem terá sido concedida cidadania romana a título

individual antes da concessão do estatuto de «município de cidadãos romanos» a *Olisipo*. Havemos pois de situar o nascimento de *Lucius Lauius Tuscus* em meados do séc. I a. C., ou mesmo um pouco antes.

A visão de conjunto que aqui sucinamente se apresenta certamente virá a ser enriquecida e mesmo corrigida pelo avanço da investigação e pela descoberta de novos monumentos. Mesmo quando se lida com conjuntos de tipologias tão homogêneos como os do *ager olisiponensis* há sempre lugar a variações, e possíveis novidades são expectáveis. Poderão sem dúvida surgir monumentos que escapem aos parâmetros aqui definidos, como parece indicar, por exemplo, uma estela dupla, geminada e atualmente anepígrafa, proveniente da Granja dos Serrões, Sintra. Em investigação, o que hoje sabemos revelará frequentemente a nossa ignorância perante aquilo que sabremos amanhã.

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA Catarina Vaz Pinto	Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parqueamentos, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millenium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património LDA.; The7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de	Serviços Financeiros e Investimentos LDA.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.
DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA Manuel Veiga		
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA Jorge Ramos de Carvalho		
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA António Marques		
COORDENAÇÃO GERAL Jorge Ramos de Carvalho		
GESTÃO DE PROJETO Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML António Marques – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Manuel Oleiro – EGEAC		
PARCEIROS DO PROJETO ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e gestão de Património LDA.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer;		

Livro

TÍTULO Lisboa Romana <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> , Os Monumentos Epigráficos	COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO Ana Caessa – CAL/DPC/DMC/CML Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML	EDIÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
COORDENAÇÃO DO VOLUME Ana Caessa – Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL/DPC/DMC/CML)	© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio.	CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA Telef.: (+351) 21 981 79 60 Fax: (+351) 21 981 79 55 caleidoscopio@caleidoscopio.pt www.caleidoscopio.pt
Ricardo Campos – Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (CMSINTRA)	DESIGN GRÁFICO José Ribeiro	
INVESTIGAÇÃO E AUTORIA Amílcar Guerra Carla Matias Cézer Santos Florbel Estêvão José d'Encarnação Lídia Fernandes M. Manuela Alves Dias Ricardo Campos Sara Henriques Reis Sílvia Teixeira	ISBN 978-989-658-608-9	
	DEPÓSITO LEGAL 463308/19	
	TIRAGEM 1.500 exemplares	